

Revista Brasileira de Ciências Humanas

Data de aceite: 25/07/2025

METODOLOGIAS ATIVAS E ENSINO TRADICIONAL: DIÁLOGOS, DESAFIOS, RESISTÊNCIA E APLICAÇÃO PRÁTICA - CONSTRUINDO PONTES ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO

José Wellington Ferreira

Doutorando em Educação Pela Facultad
Interamericana de Ciencias Sociales
Macapá – AP

Benedita Zenira Américo de Souza Leite

Mestranda em Educação Pela Facultad
Interamericana de Ciencias Sociales.
Macapá – AP

Edinair Tavares Brazão

Mestranda em Educação Pela Facultad
Interamericana de Ciencias Sociales.
Macapá – AP



Todo o conteúdo desta revista está
licenciado sob a Licença Creative
Commons Atribuição 4.0 Interna-
cional (CC BY 4.0).

Resumo: Este artigo tem como foco analisar as possibilidades de diálogo e integração entre as metodologias ativas de aprendizagem e o ensino tradicional, considerando seus pontos de convergência, os desafios práticos de implementação e as resistências enfrentadas no contexto educacional contemporâneo. A pesquisa, de caráter qualitativo e natureza bibliográfica, fundamenta-se na revisão de literatura especializada para investigar como essas abordagens podem coexistir de forma complementar. Os resultados evidenciam que, embora haja resistências pedagógicas, culturais e estruturais à adoção de metodologias inovadoras, é possível promover uma articulação entre tradição e inovação por meio de práticas reflexivas e planejamento colaborativo. Conclui-se que a integração consciente entre os dois modelos pode potencializar a aprendizagem significativa e o desenvolvimento de competências múltiplas, desde que respeitadas às especificidades dos contextos escolares e valorizados os saberes docentes já consolidados.

Palavras-Chave: Metodologias ativas; Ensino tradicional; Inovação pedagógica; Integração metodológica; Educação contemporânea.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação tem sido impactada por transformações profundas, impulsionadas por mudanças sociais, culturais, econômicas e, sobretudo, tecnológicas. A emergência da chamada “sociedade do conhecimento” e a crescente complexidade das relações humanas e profissionais exigem da escola uma revisão de seus métodos, objetivos e práticas pedagógicas (MORAN, 2018). Nesse cenário, o modelo tradicional de ensino — centrado na figura do professor como transmissor de conteúdos e no aluno como receptor passivo — tem sido amplamente questionado quanto à sua eficácia em promover aprendizagens significativas e desenvolver

competências essenciais para o século XXI (FREIRE, 1996).

Em contraposição a esse modelo, ganham destaque as metodologias ativas de aprendizagem, que propõem uma abordagem centrada no estudante como protagonista do processo educativo. Tais metodologias valorizam a construção do conhecimento por meio da experimentação, da resolução de problemas, da colaboração e da reflexão crítica (MORAN, 2018). Entre as estratégias mais difundidas estão a sala de aula invertida, a aprendizagem baseada em projetos, o ensino híbrido e a gamificação, todas com potencial para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, contextualizado e engajador (MARCONDES, 2015; URIAS, 2017).

Contudo, a implementação dessas abordagens inovadoras não ocorre sem desafios. A resistência de parte do corpo docente, a falta de formação continuada, as limitações estruturais das instituições escolares e a cultura pedagógica enraizada em práticas transmissivas são obstáculos recorrentes. Além disso, o diálogo entre o ensino tradicional e as metodologias ativas ainda é incipiente em muitos contextos, sendo frequentemente tratado como uma oposição irreconciliável, quando, na verdade, podem haver complementaridades entre ambas as abordagens.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os diálogos possíveis entre o ensino tradicional e as metodologias ativas, analisando suas intersecções, os desafios enfrentados para sua implementação, as resistências encontradas no ambiente escolar e as experiências práticas que ilustram a viabilidade de uma integração pedagógica equilibrada. Parte-se do pressuposto de que a transformação educacional não se dá por ruptura abrupta, mas por processos gradativos de ressignificação das práticas docentes, ancorados em uma cultura de escuta, formação e inovação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ENSINO TRADICIONAL

– PERMANÊNCIAS E

TENSIONAMENTOS NO SÉCULO XXI

O ensino tradicional, consolidado historicamente a partir de modelos escolásticos e da racionalização da educação promovida pela Revolução Industrial, estrutura-se em torno da centralidade do professor como transmissor do conhecimento, da ênfase na memorização e da rigidez curricular. Caracteriza-se por metodologias expositivas, avaliação somativa e uma concepção de aluno passivo no processo de aprendizagem (LIBÂNEO, 1994).

Embora esse modelo tenha contribuído para a expansão e institucionalização da escolarização em larga escala, sua permanência como referência predominante entra em tensão com os desafios do século XXI. As rápidas transformações sociais, tecnológicas e culturais impõem à educação a necessidade de formar sujeitos críticos, autônomos e criativos — características pouco estimuladas por práticas centradas na reprodução mecânica de conteúdos (MORAN et al., 2013).

A manutenção de estruturas tradicionais, como a aula centrada na fala do professor e a fragmentação disciplinar, revela-se insuficiente diante da complexidade das demandas educacionais atuais. Conforme aponta Nóvoa (2009), é preciso “reinventar a profissão docente” e, por extensão, repensar os modos de ensinar e aprender.

Nesse sentido, Freire (1996) faz uma reflexão acerca da lógica do ensino tradicional, ao afirmar que:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, exige pesquisa, exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, exige a superação do autoritarismo. (1996, p. 25)

Essa perspectiva não implica negar totalmente o ensino tradicional, mas compreender que ele precisa ser ressignificado à luz das competências exigidas na contemporaneidade, como a colaboração, a resolução de problemas e a adaptabilidade.

Portanto, o ensino tradicional, quando isolado e desvinculado da realidade dos estudantes, pode tornar-se um obstáculo à inovação e ao engajamento. Seu diálogo com metodologias mais ativas e interativas torna-se, assim, um caminho necessário para responder às exigências da sociedade do conhecimento e ao imperativo de uma educação mais inclusiva e transformadora.

METODOLOGIAS ATIVAS NO CONTEXTO DA TRANSIÇÃO EDUCACIONAL E DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

As metodologias ativas emergem, no cenário atual, não apenas como alternativa ao ensino tradicional, mas como resposta articulada aos novos paradigmas educacionais impulsionados pelas tecnologias digitais e pelas transformações socioculturais do século XXI. Elas propõem uma ressignificação do papel do professor e do aluno, orientando a prática pedagógica para a construção compartilhada do conhecimento, a partir da resolução de problemas reais, do trabalho colaborativo e da valorização da autonomia discente (FREIRE, 1996; MORAN et al., 2013).

Esse movimento metodológico se insere em um contexto de transição, no qual a escola tradicional, com sua organização rígida e foco na transmissão de conteúdos, já não atende plenamente às necessidades de formação de sujeitos críticos, criativos e capazes de atuar em um mundo em constante transformação. Nesse sentido, as metodologias ativas constituem não apenas uma proposta metodológica, mas uma mudança epistemológica — uma nova forma de conceber o aprender e o ensinar (DEWEY, 1959).

Aspectos	Ensino Tradicional	Metodologias Ativas
Papel do professor	Figura central, transmissor do conhecimento.	Mediador do processo de aprendizagem.
Papel do aluno	Receptor passivo.	Protagonista ativo na construção do saber.
Metodologia principal	Aula expositiva, repetição e memorização.	Projetos, resolução de problemas, investigação, colaboração.
Avaliação	Somativa, padronizada, com foco no produto final.	Processual, formativa e reflexiva.
Uso da tecnologia	Opcional, com função ilustrativa.	Integrada como ferramenta de criação e interação.
Organização curricular	Disciplinar, fragmentada	Interdisciplinar, flexível, com foco em temas ou problemas do mundo real.
Habilidades desenvolvidas	Repetição de conteúdos, disciplina.	Autonomia, pensamento crítico, trabalho em equipe, criatividade.
Adequação ao século XXI	Parcial e limitada diante das novas exigências sociais e digitais.	Alinhada aos desafios contemporâneos e às competências exigidas
Exigência para o docente	Domínio do conteúdo e controle da turma.	Planejamento criativo, escuta ativa e formação continuada.

Quadro 01: Comparativo - Ensino Tradicional x Metodologias Ativas

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Nessa perspectiva, John Dewey, um dos grandes precursores das metodologias ativas, afirma que:

A educação não é preparação para a vida; a educação é a própria vida. Quando a educação é vista como um processo de viver e não como uma preparação para viver mais tarde, então a ênfase muda completamente. Ela se volta para o desenvolvimento de competências por meio da experiência prática, da interação social e da resolução de problemas reais (DEWEY, 1959, p. 21).

A presença das tecnologias digitais nesse processo tem sido decisiva. Plataformas de aprendizagem, ambientes virtuais colaborativos, recursos interativos e inteligência artificial têm ampliado as possibilidades de personalização e engajamento na aprendizagem ativa. Estratégias como sala de aula invertida, aprendizagem baseada em projetos, gamificação e ensino híbrido tem se mostrado, especialmente eficazes quando articuladas às tecnologias educacionais, pois favorecem a integração entre teoria e prática, o desenvolvimento de múltiplas linguagens e a aprendizagem em rede (MORAN, 2015).

Contudo, a apropriação crítica das tecnologias digitais requer mais do que infraestrutura: exige uma postura pedagógica inovado-

ra, formação docente adequada e revisão dos currículos, para que a tecnologia não se limite ao suporte técnico, mas contribua efetivamente para uma aprendizagem mais significativa e transformadora. Como alerta Kenski (2012), “não basta usar tecnologia, é preciso usá-la de forma inteligente, crítica e integrada ao projeto pedagógico”.

Assim, as metodologias ativas, aliadas ao uso inteligente das tecnologias educacionais, constituem uma oportunidade estratégica para reimaginar a escola em tempos de mudança, promovendo uma educação mais dialógica, inclusiva e conectada com as realidades e potencialidades dos estudantes contemporâneos.

DIÁLOGOS E INTERSECÇÕES ENTRE OS MODELOS

A discussão sobre o ensino tradicional e as metodologias ativas não deve se restringir a uma perspectiva excludente. Pelo contrário, há uma crescente compreensão na literatura acadêmica de que a integração entre diferentes abordagens pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Zabala (1998), o ensino eficaz é aquele que consegue articular distintos métodos, adaptando-se às necessidades dos alunos e às particularidades de cada contexto pedagógico.

O ensino tradicional, ao oferecer organização, disciplina e clareza nos conteúdos, pode servir como base estruturante para a inserção de práticas mais dinâmicas e participativas. Por sua vez, as metodologias ativas enriquecem essa estrutura ao promoverem a autonomia intelectual, a colaboração e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Machado (2017) ressalta que “não se trata de abandonar o ensino tradicional, mas de ressignificá-lo em diálogo com práticas inovadoras, à luz das demandas formativas contemporâneas”.

Esses diálogos entre as duas práticas docentes estão definidos, conforme defende Zabala em sua obra *A prática Educativa: como ensinar*:

Não existem métodos bons ou ruins em si mesmos, mas métodos adequados ou não a determinados objetivos educacionais. A eficácia de uma prática pedagógica depende da sua coerência com os objetivos pretendidos, com as características dos alunos e com o contexto social e cultural no qual se realiza. O importante é que o professor tenha clareza de suas intenções e saiba adequar suas estratégias para alcançar os fins propostos (ZABALA, 1998, p. 18).

Experiências de hibridização metodológica, como a alternância entre momentos expositivos e atividades investigativas em sala de aula, demonstram que o ensino pode transitar com êxito entre tradição e inovação. Isso reforça a ideia de que a eficácia pedagógica não está exclusivamente atrelada ao método utilizado, mas sim à intencionalidade didática e à sensibilidade do professor em mediar o processo educativo.

IMPLEMENTAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

A transição do ensino tradicional para práticas centradas na participação ativa dos estudantes é um processo complexo que envolve múltiplas dimensões. Embora as metodolo-

gias ativas ofereçam uma proposta alinhada às competências exigidas pela contemporaneidade, sua implementação encontra barreiras que vão além da resistência individual de professores ou alunos — trata-se de um desafio sistêmico, enraizado em aspectos estruturais, formativos e culturais da escola.

Entre os principais entraves, destaca-se a infraestrutura escolar inadequada. Muitas instituições não dispõem de espaços físicos flexíveis, recursos tecnológicos ou conectividade suficientes para viabilizar práticas como a aprendizagem por projetos ou o uso de plataformas digitais interativas (MORAN et al., 2013). Essa limitação leva a uma tensão entre a inovação desejada e a realidade operacional das escolas, especialmente na rede pública.

No aspecto formativo, a ausência ou fragilidade da formação docente voltada para as metodologias ativas representa outro obstáculo central. Conforme Tardif (2014), os saberes docentes são construídos a partir de experiências e tradições enraizadas, e a introdução de novas abordagens exige não apenas capacitação técnica, mas também abertura epistemológica e apoio institucional contínuo.

Nesse contexto, Sacristán aponta que:

A organização escolar tradicional tende a perpetuar práticas padronizadas, fragmentadas e centradas no professor. Qualquer tentativa de inovação enfrenta resistências não apenas individuais, mas institucionais. A cultura escolar está impregnada de rotinas e modos de fazer que dificultam a abertura para novas propostas. Por isso, mudar o ensino implica também mudar a cultura e as estruturas da escola (SACRISTÁN, 2000, p. 63)

Além disso, há resistências culturais tanto por parte de docentes quanto de discentes. Professores podem se sentir inseguros diante da mudança de papel — de transmissores a mediadores — e desconfortáveis com a perda do controle sobre o ritmo da aula. Já os alunos, historicamente acostumados à passividade, podem apresentar dificuldades em assumir

o protagonismo, gerando ansiedade frente a métodos que demandam tomadas de decisão, exposição e colaboração (FREIRE, 1996).

O currículo prescritivo, as avaliações padronizadas e os modelos de organização escolar fragmentados reforçam esse cenário. Como aponta Sacristán (2000), as estruturas escolares muitas vezes sufocam as possibilidades de inovação, criando um ambiente adverso à experimentação pedagógica.

Superar tais desafios implica em políticas públicas que valorizem a formação continuada, ampliem os investimentos em infraestrutura e incentivem a cultura da inovação pedagógica. Mais do que adesão técnica, é necessário promover uma transformação cultural profunda, na qual o erro seja visto como parte do processo e a aprendizagem seja concebida como construção coletiva.

APLICAÇÃO PRÁTICA DAS METODOLOGIAS ATIVAS E SEUS RESULTADOS

A aplicação das metodologias ativas tem se concretizado em experiências pedagógicas inovadoras que, mesmo diante de limitações estruturais, evidenciam resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem. Essas práticas demonstram que a transição para modelos mais participativos e centrados no aluno é viável, eficaz e alinhada às competências exigidas pelo mundo contemporâneo.

Uma experiência significativa envolve o uso da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) em escolas da rede pública, onde alunos foram desafiados a investigar problemas socioambientais de suas comunidades. Os resultados apontaram maior engajamento dos estudantes, desenvolvimento da oralidade, pensamento crítico e capacidade de articulação interdisciplinar (HERNÁNDEZ, 1998). Além disso, relatórios de avaliação demonstraram melhora no desempenho escolar e na autoestima dos envolvidos.

A estratégia da sala de aula invertida também tem sido amplamente utilizada, sobretudo no ensino superior. Segundo Moran (2015), ao estudar os conteúdos em casa por meio de vídeos e textos digitais, os alunos se tornam mais preparados para atividades práticas em sala, promovendo uma aprendizagem mais colaborativa e contextualizada. Pesquisas conduzidas por Urias e Azeredo (2017) identificaram aumento na autonomia, na participação discente e na retenção de conteúdo.

A gamificação, por sua vez, mostrou-se eficiente no ensino fundamental ao transformar tarefas em desafios com pontuação, recompensas e feedbacks imediatos. De acordo com Marcondes (2015), essa abordagem promove um ambiente mais lúdico e motivador, especialmente entre os alunos com dificuldades de aprendizagem, favorecendo a persistência e o trabalho em equipe.

Marcondes, ao relatar experiências com gamificação, destaca:

Quando os alunos percebem que o erro faz parte do jogo, deixam de temê-lo. A gamificação transforma a sala de aula em um espaço de experimentação, onde a tentativa e o erro fazem parte do processo de aprendizagem. Isso é fundamental para estimular a autonomia, a criatividade e a colaboração entre os estudantes (MARCONDES, 2015, p. 88).

Em todos esses exemplos, observa-se que a aplicação das metodologias ativas não só modifica a forma de ensinar, mas também impacta positivamente a postura dos estudantes frente à aprendizagem. Os resultados vão além do desempenho acadêmico, refletindo-se em habilidades socioemocionais, senso de pertencimento e valorização do ambiente escolar. Tais evidências reforçam a importância de políticas públicas que incentivem a formação docente, a flexibilização curricular e o acesso a tecnologias que viabilizem práticas pedagógicas ativas, inclusivas e transformadoras.

INOVAÇÃO DIGITAL: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

A ascensão da Inteligência Artificial (IA) e da Educação a Distância (EaD) vem redesenhando os contornos do processo educativo e ampliando as possibilidades de aplicação das metodologias ativas. Ambas tecnologias funcionam como pontes entre a tradição e a inovação, oferecendo ferramentas para personalização da aprendizagem, interatividade e autonomia do estudante.

- **IA como ferramenta pedagógica:** A Inteligência Artificial pode ser incorporada ao cotidiano educacional por meio de tutores virtuais, sistemas de feedback inteligente, geração de conteúdos adaptativos e análise de desempenho. Isso favorece o ensino centrado no aluno — elemento central das metodologias ativas — promovendo experiências mais significativas e personalizadas.
- **EaD e metodologias ativas:** Ao contrário da concepção inicial de que a EaD privilegiaria um ensino transmissivo e solitário, hoje é possível fomentar metodologias ativas em ambientes virtuais por meio de fóruns colaborativos, simulações interativas, aprendizagem baseada em projetos e resolução de problemas reais.
- **Desafios e resistências contemporâneos:** Apesar dos avanços tecnológicos, muitos docentes ainda enfrentam resistências em relação à adoção dessas ferramentas. A insegurança quanto ao uso da IA, aliada à necessidade de formação continuada, compõe um dos principais obstáculos à sua implementação eficaz.
- **Diálogo entre tradição e inovação:** A construção de pontes exige diálogo genuíno entre práticas pedagógicas consolidadas e novas abordagens tecnológicas. A formação crítica dos edu-

cadores, somada à abertura institucional para inovação, é fundamental para integrar o melhor dos dois mundos: o compromisso ético e humanizado do ensino tradicional com a dinamicidade e responsividade das metodologias ativas potenciadas por IA e EaD.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: AMPLIANDO OS HORIZONTES PEDAGÓGICOS

A incorporação da Inteligência Artificial (IA) e da Educação a Distância (EaD) nas práticas educacionais representa uma verdadeira mudança de paradigma, que rompe com os modelos tradicionais baseados na centralidade do professor como transmissor do conhecimento e no ensino uniforme. Ao introduzir tecnologias adaptativas, ambientes virtuais interativos e sistemas inteligentes de aprendizagem, amplia-se a possibilidade de criação de experiências mais dinâmicas, personalizadas e centradas no aluno — princípios fundamentais das metodologias ativas.

Nesse sentido, Lévy (1999) destaca o papel transformador das tecnologias digitais na educação:

As tecnologias da inteligência não apenas modificam os instrumentos e os meios de comunicação entre os seres humanos, mas também influenciam diretamente a maneira como pensamos, aprendemos, ensinamos e produzimos conhecimento. Estamos diante de uma mutação antropológica e cognitiva profunda, que exige uma reconfiguração dos ambientes educacionais para além da mera digitalização de conteúdos. (1999, p. 17)

Dessa forma, IA e EaD não são apenas ferramentas técnicas, mas catalisadores de uma nova cultura pedagógica, que valoriza a interação, a autonomia e a aprendizagem significativa. O desafio está em integrá-las criticamente, promovendo inovação sem perder de vista os princípios éticos e humanizadores do processo educativo.

Dimensão Avaliada	Indicadores Possíveis	Instrumentos Sugeridos
Engajamento do estudante	Participação ativa nas atividades, frequência, pontualidade, colaboração em grupo	Observação direta, rubricas, autoavaliação.
Desempenho acadêmico	Melhora nas notas, resolução de problemas, aplicação prática dos conteúdos.	Avaliações diagnósticas, formativas e somativas.
Autonomia e protagonismo	Capacidade de tomar decisões, buscar informações, propor soluções.	Portfólios, diários reflexivos, projetos.
Pensamento crítico	Argumentação, análise de situações complexas, questionamento de ideias.	Estudos de caso, debates, mapas conceituais.
Colaboração e comunicação	Interação com colegas, clareza na expressão oral e escrita, escuta ativa.	Avaliação por pares, registros de participação.
Satisfação dos envolvidos	Percepção de professores e alunos sobre a eficácia da metodologia.	Questionários de satisfação, entrevistas, grupos focais.
Uso de tecnologias	Frequência e qualidade no uso de ferramentas digitais, criatividade nas produções.	Análise de artefatos digitais, relatórios de uso.

Quadro 02: Indicadores de Avaliação das Metodologias Ativas

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
COMO CATALISADORA
DA PERSONALIZAÇÃO

A IA permite a personalização em escala, um dos grandes desafios da educação contemporânea. Segundo Luckin et al. (2016), a IA pode contribuir significativamente para o aprendizado adaptativo, ajustando conteúdos, estratégias e ritmos conforme o progresso individual dos estudantes. Isso está alinhado com pressupostos construtivistas, pois oferece ao aluno protagonismo, autonomia e engajamento — pilares das metodologias ativas.

“A inteligência artificial não substitui o professor, mas amplia sua capacidade de observar e compreender os processos de aprendizagem” (Luckin et al., 2016).

Ferramentas como chatbots educacionais, assistentes virtuais, sistemas de análise de desempenho e plataformas de curadoria de conteúdo permitem que o docente atue como mediador, facilitador e estrategista, ao invés de mero transmissor de informações.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
ESPAÇO DE INOVAÇÃO ATIVA

A EaD contemporânea, especialmente quando integrada ao modelo híbrido, oferece condições favoráveis à aplicação das metodo-

logias ativas:

- **Ambientes colaborativos online** incentivam a interação, o debate e a co-autoria do conhecimento.
- **Gamificação e simulações** promovem o engajamento lúdico e o pensamento crítico.
- **Aprendizagem baseada em projetos** pode ser organizada em equipes virtuais, ampliando horizontes e conectando saberes.

Segundo Moran (2015), “a EaD se torna viva e significativa quando o aluno participa ativamente, experimenta, cria e compartilha.” Isso desconstrói o mito da educação a distância como ensino passivo, aproximando-a de propostas inovadoras que valorizam a experiência do aprender.

RESISTÊNCIAS E TENSÕES NA
TRANSFORMAÇÃO EDUCACIONAL

Apesar das possibilidades, ainda persistem tensões importantes. A resistência de parte do corpo docente pode se relacionar com:

- Falta de formação específica para o uso das tecnologias digitais e recursos de IA;
- Medo da substituição do papel humano pelo digital;

- Desconfiança em relação à eficácia da EaD, principalmente em contextos socialmente vulneráveis.

A superação desses desafios exige políticas públicas voltadas à formação continuada, ao investimento em infraestrutura tecnológica e à valorização da dimensão humana e ética do processo educativo.

Sobre isso, Belloni (2009, p. 77) alerta para os riscos de um uso acrítico e instrumental da tecnologia:

A adoção das novas tecnologias da informação e da comunicação na educação não pode se reduzir a uma simples questão de atualização técnica ou de modernização do ensino. Trata-se, antes, de uma profunda transformação nos modos de ensinar e aprender, que exige uma reconfiguração das práticas pedagógicas, das relações entre professores e alunos e da própria organização das instituições educativas. O risco é transformar a tecnologia em fetiche, acreditando que sua simples presença resolverá problemas complexos de ordem pedagógica, social e cultural. (2009, p. 77)

Esse posicionamento reforça a necessidade de uma postura crítica diante das inovações tecnológicas, evitando que a IA e a EaD sejam aplicadas de maneira descontextualizada ou desumanizadora.

TRADICIONAL E INOVADOR: EM BUSCA DE EQUILÍBRIO

Construir pontes entre o ensino tradicional e as metodologias ativas mediadas pela IA e EaD não significa abdicar da essência pedagógica que valoriza o vínculo, a escuta e a formação integral. Ao contrário, trata-se de:

- **Resgatar a intencionalidade educacional**, com o auxílio de recursos tecnológicos.
- **Potencializar práticas consagradas**, como o diálogo socrático ou a problematização freiriana, em novos formatos.

- **Cultivar a autonomia docente**, respeitando tempos, estilos e contextos de cada educador.

Exemplos práticos de aplicação

- **Chatbots educacionais baseados em IA** podem ser utilizados em atividades de revisão de conteúdo, como quizzes adaptativos que ajustam o nível de dificuldade com base no desempenho do aluno.
- **Simuladores online de resolução de problemas**, como os usados em cursos de Engenharia ou Medicina, favorecem a aprendizagem baseada em desafios reais, mesmo em ambiente remoto.
- **Ambientes virtuais de aprendizagem** como Moodle, Google Classroom ou Microsoft Teams, permitem fóruns de discussão, atividades colaborativas e projetos interdisciplinares entre alunos de diferentes localidades — fomentando o protagonismo estudantil.
- **Uso de ferramentas de análise de dados educacionais** permite ao professor mapear dificuldades específicas de cada aluno e oferecer intervenções personalizadas, alinhando-se ao ideal da avaliação formativa contínua.

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E METODOLOGIAS ATIVAS: IA E EAD COMO CATALISADORES DA TRANSFORMAÇÃO PEDAGÓGICA

A introdução da Inteligência Artificial (IA) e da Educação a Distância (EaD) no campo educacional configura uma inflexão paradigmática que favorece o rompimento com práticas tradicionais centradas na figura do professor como transmissor de conteúdos. Tais recursos tecnológicos, ao serem integrados às metodologias ativas, potencializam o protagonismo discente e promovem práticas pedagógicas interativas, dialógicas e personalizadas.

De acordo com Luckin et al. (2016), a IA contribui para uma educação mais responsiva e adaptativa, ao identificar padrões de aprendizagem e oferecer feedback personalizado. Nesse contexto, o docente assume papel de mediador, facilitador e orientador dos processos formativos.

Na mesma direção, Moran (2015) ressalta que a EaD pode se configurar como espaço fértil para práticas ativas, desde que sejam adotados ambientes virtuais que favoreçam a interação e a coautoria. Fóruns colaborativos, projetos interdisciplinares online e simulações digitais são exemplos de estratégias que viabilizam a aprendizagem significativa em ambientes não presenciais.

A integração dessas tecnologias às metodologias ativas exige, todavia, formação docente contínua e crítica, bem como superação de resistências pautadas em modelos tradicionais. Belloni (2009) adverte que a consolidação da EaD como prática legítima depende de políticas que valorizem sua dimensão humana e coletiva, contrapondo o uso tecnicista das ferramentas digitais.

Assim, o diálogo entre tradição e inovação requer equilíbrio: utilizar as tecnologias como meio, não como fim, e ressignificar práticas consagradas à luz das possibilidades contemporâneas. A IA e a EaD, quando orientadas por princípios éticos e pedagógicos sólidos, podem contribuir para a construção de pontes entre saberes, culturas e sujeitos da educação.

PERSPECTIVAS GLOBAIS DAS METODOLOGIAS ATIVAS: ENTRE INOVAÇÃO E DESIGUALDADE EDUCACIONAL

As metodologias ativas têm ganhado espaço em diversos sistemas educacionais ao redor do mundo, sendo adotadas com diferentes níveis de profundidade e impacto. Em países desenvolvidos, como Finlândia, Canadá e Austrália, essas práticas são frequentemente

integradas a políticas públicas educacionais, com forte investimento em formação docente, infraestrutura tecnológica e pesquisa aplicada. Nessas nações, o ensino baseado em projetos, a sala de aula invertida e o uso de tecnologias digitais são amplamente difundidos desde os primeiros anos escolares, promovendo ambientes de aprendizagem colaborativos e centrados no estudante.

Na Finlândia, por exemplo, o currículo nacional enfatiza a aprendizagem baseada em fenômenos, permitindo que os alunos explorem temas interdisciplinares por meio de investigação ativa. Já no Canadá, universidades como McMaster e Harvard (nos EUA) têm sido pioneiras na aplicação de metodologias ativas no ensino superior, com destaque para o uso de simulações, estudos de caso e aprendizagem baseada em problemas (PBL).

Em contraste, países em desenvolvimento enfrentam desafios estruturais que dificultam a implementação plena dessas abordagens. No Brasil, embora haja crescente interesse pelas metodologias ativas, sua aplicação ainda é desigual. Escolas públicas em regiões periféricas lidam com limitações como falta de acesso à internet, escassez de recursos didáticos e formação docente insuficiente. Ainda assim, iniciativas locais têm demonstrado que é possível adaptar essas metodologias à realidade brasileira, como projetos de aprendizagem comunitária, uso de tecnologias móveis e práticas colaborativas em ambientes híbridos.

Nos países considerados subdesenvolvidos, a situação é ainda mais complexa. Em muitas regiões da África Subsaariana e partes da Ásia Meridional, o acesso à educação básica ainda é um desafio, e o ensino tradicional expositivo permanece como principal modelo. A ausência de infraestrutura, a escassez de professores qualificados e a instabilidade política dificultam a adoção de práticas pedagógicas inovadoras. No entanto, organizações internacionais como UNESCO e UNICEF

têm promovido programas de capacitação e uso de metodologias ativas adaptadas ao contexto local, como o ensino por meio de rádio comunitária, jogos educativos de baixo custo e projetos de aprendizagem baseados em problemas sociais.

Nesse sentido, Perrenoud (2000) chama atenção para o risco de que a inovação pedagógica aprofunde desigualdades já existentes:

Quando se introduz uma nova prática educativa sem uma estratégia de democratização, há o risco de que apenas os mais favorecidos se beneficiem dela. A inovação pedagógica, por mais promissora que seja, pode tornar-se mais um fator de exclusão se não forem levados em conta os contextos concretos de aplicação, as condições de acesso e a diversidade do público escolar. (2000, p. 10)

Essas disparidades revelam que, embora as metodologias ativas representem um avanço pedagógico significativo, sua implementação depende de fatores contextuais como políticas públicas, investimento em educação, cultura escolar e condições socioeconômicas. A construção de pontes entre tradição e inovação exige, portanto, não apenas vontade política, mas também sensibilidade às realidades locais e compromisso com a equidade educacional.

CONCLUSÃO

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam que o ensino tradicional e as metodologias ativas não são propostas necessariamente antagônicas, mas sim abordagens que, quando articuladas de forma crítica, podem se complementar na construção de uma educação mais significativa, participativa e alinhada às demandas contemporâneas. O modelo tradicional, ao oferecer estrutura, clareza e sistematização, pode ser ressignificado por meio das metodologias ativas, que promovem a autonomia, o pensamento crítico, a resolução de problemas e o uso inteligente das tecnologias.

É fundamental compreender que o ensino tradicional não deve ser demonizado ou des-

cartado, pois, em seu tempo, respondeu de forma eficaz às demandas sociais e educacionais vigentes, contribuindo significativamente para a consolidação da escolarização e da formação docente. Reconhecer sua importância histórica é também respeitar os alicerces sobre os quais muitos educadores foram formados. No entanto, a sociedade evoluiu — nos campos social, econômico, tecnológico e cultural — e, com ela, surgiram novas exigências formativas que requerem práticas pedagógicas mais flexíveis, interativas e centradas no estudante. Assim, a integração entre metodologias ativas e práticas tradicionais se apresenta como um caminho viável e necessário, capaz de articular o legado pedagógico do passado com as inovações do presente, promovendo uma educação mais coerente com os desafios contemporâneos e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

A efetiva implementação dessas metodologias, entretanto, enfrenta desafios importantes de ordem estrutural, cultural e formativa. Não se trata apenas de substituir métodos, mas de transformar concepções pedagógicas profundamente enraizadas e rever as condições materiais e simbólicas que sustentam a prática docente. Para isso, torna-se imprescindível o investimento em formação continuada, o fortalecimento de políticas públicas voltadas à inovação educacional e a criação de ambientes escolares mais abertos à experimentação, à colaboração e ao erro como parte do processo de aprendizagem.

No entanto, a realidade educacional global é marcada por profundas desigualdades. A adoção de metodologias ativas em países em desenvolvimento ainda é limitada por fatores como a escassez de recursos, a precariedade da infraestrutura e a ausência de políticas inclusivas. Enquanto países desenvolvidos investem significativamente na educação — ultrapassando, em muitos casos, os US\$ 8.500 por aluno ao ano —, países de baixa renda chegam a

investir menos de US\$ 55 por estudante. Essa disparidade compromete não apenas o acesso à tecnologia e à formação docente de qualidade, mas também a própria possibilidade de transformar o modelo pedagógico vigente.

Em contextos de vulnerabilidade social, o ensino tradicional permanece como única alternativa viável, dado o limitado acesso a ferramentas digitais, materiais atualizados e espaços formativos. A desigualdade interna nos países também acentua essa problemática, como no caso do Brasil, onde alunos de alta renda apresentam desempenho comparável ao de países europeus, enquanto estudantes de baixa renda registram níveis equivalentes aos de países com graves carências educacionais. Isso evidencia o quanto o fator socioeconômico ainda define as possibilidades de aprendizagem, dificultando a democratização de metodologias inovadoras.

Portanto, a prevalência do ensino tradicional não pode ser compreendida unicamente como uma opção pedagógica, mas como um reflexo das injustiças estruturais que atravessam os sistemas educacionais. Superar essa realidade requer compromissos nacionais e internacionais com o financiamento equitativo da educação, o fortalecimento da formação

docente e o respeito à diversidade dos contextos escolares.

Diante desse cenário e das rápidas transformações que caracterizam a sociedade digital, a incorporação das metodologias ativas e das tecnologias educacionais representa mais que uma tendência metodológica — trata-se de uma exigência histórica. Como destaca Kenski (2012), é preciso abandonar a posição de resistência à inovação e assumir o protagonismo na transformação educacional. A escola que ignora a cultura digital, a aprendizagem por projetos e a colaboração perde relevância diante dos desafios do século XXI.

Espera-se, assim, que este estudo contribua para inspirar práticas pedagógicas mais criativas, inclusivas e comprometidas com a formação integral dos sujeitos, reconhecendo a urgência de repensar os modelos tradicionais à luz das transformações sociais, tecnológicas e humanas que marcam o tempo presente. Como afirma Freire (1996), ensinar é um ato de coragem e de esperança — um compromisso com a construção de uma educação verdadeiramente libertadora e dialógica.

REFERÊNCIAS

- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. (Coleção Educação Contemporânea).
- CIDRAL, Wilmar et al. **Metodologias ativas de aprendizagem: aplicação e desafios no ensino superior**. Avaliação, Campinas, v. 22, n. 3, p. 656–675, 2017.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKIN, Rose; HOLMES, Wayne; GRIFFITHS, Mark; FORCIER, Laurie B. **Intelligence unleashed: an argument for AI in education**. Londres: Pearson, p.12. 2016.

MACHADO, Nilson José. **Ensinar é construir sentidos: formação de professores e prática pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2017.

MACHADO, Nilbo Nunes. **Ensinar por projetos: por quê? Como?**. Curitiba: Ibpx, 2017.

MARCONDES, Mariana Dutra. **Jogos como recursos didáticos: uma abordagem ativa na educação básica**. Avaliação, Campinas, v. 22, n. 3, p. 635–654, 2015.

MARCONDES, Edméa Santos. **Gamificação na educação: desafios e possibilidades**. In: LIMA, Ana et al. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 85-91.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MORAN, José Manuel. **A sala de aula invertida**. Boletim Técnico do Senac, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 48–63, 2015.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 15-33.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

OLIVEIRA, Jessica Conde Garcia de. **Repensando as práticas pedagógicas: das metodologias tradicionais às propostas inovadoras na educação atual**. Núcleo do Conhecimento, 2023. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/2023/11/repensando-as-praticas-1.pdf>. Acesso em: 27/06/2025.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Prática pedagógica e cultura docente**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Márcia Belarminio da et al. **A eficácia das metodologias ativas no ensino-aprendizagem**. Revista da Faculdade IESP, João Pessoa, v. 12, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/a-eficacia-das-metodologias-ativas-no-ensino-aprendizagem-autor-silva-marcia-belarminio-da-.pdf>. Acesso em: 27/06/2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

URIAS, Geraldo Luis; AZEREDO, Gerson Távares. **A aprendizagem baseada em problemas no ensino superior: da concepção à prática pedagógica**. Avaliação, Campinas, v. 22, n. 3, p. 589–611, 2017.

URIAS, Marli; AZEREDO, Jean. **Sala de aula invertida: práticas e reflexões no ensino superior**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 14, n. 35, p. 140-159, 2017.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.